



A classe operária, por seus elementos mais conscientes esteve presente ao grande comício de 1.º de maio. O clichê acima mostra um aspecto do Largo 7 de Setembro, que esteve literalmente tomado pelos trabalhadores durante o comício socialista.

# A Classe Operária Saberá Opor-se às pretensões dos negociastas americanos

A "guerra santa" de Kemper e seus lacaios brasileiros. — Para os capitalistas, a liberdade é a liberdade de explorar o trabalho humano. — Para os socialistas, é a abolição da propriedade privada e do trabalho assalariado.

Instalou-se em Santos, no dia 24 de abril do corrente ano, a 5.ª reunião plenária do Conselho Inter-Americano de Comércio e Produção. A sessão solene de instalação foi presidida pelo sr. James S. Kemper, na qualidade de patrão dos homens de negócios da América. Compareceu D. Carmelo Vasconcelos Mota, cardeal arcebispo de S. Paulo, em uma flagrante demonstração de solidariedade do alto clero à burguesia exploradora e do regime capitalista.

O sr. Kemper, em seu discurso, entusiástica e unanimemente aplaudido por todos os presentes, foi claro e incisivo. Não usou de subterfúgios nem de rodeios. Não escondeu as suas verdadeiras intenções e

as do conclave atrás de frases obscuras ou de significação dúbia. Considerou de pouca importância e relegou a um plano as questões técnicas e econômico-financeiras e só tratou do assunto central e vital da reunião. E esse era, na opinião autorizada do sr. Kemper, a luta contra o socialismo, isto é, a luta pela manutenção dos iníquos privilégios dos homens de negócios. E foi em nome de Deus que o sr. Kemper desfraldou a bandeira da luta contra o socialismo e pela salvaguarda do regime de exploração do homem pelo homem, no qual lhe cabe o papel de explorador.

Vejamos algumas afirmações do autorizado homem de negócios, sr. Kemper: "Que-

re fazer uma introdução ao que tenho a dizer com o seguinte distico: o hemisfério ocidental não pode aprofundar-se mais no socialismo e viver em liberdade. Existe o desafio e existe a resposta. Isto não pode ser feito meramente com resoluções passageiras; exige uma luta, um espírito de cruzada". "Estamos correndo o grande perigo de nos tornarmos cativos do socialismo. Os ingleses já estão se tornando presas do super-estado e as repúblicas americanas estão em face do mesmo perigo. Este é o desafio — não aos homens de negócios de uma república, mas sim aos homens de negócios de cada uma das

(Continúa na 6.ª pag.)

## O PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO convidado a ingressar no Comisco

Há cerca de dois meses, o companheiro Vitor Freire Motta, que mantém contato com a União Internacional das Juventudes Socialistas, recebeu a seguinte carta, com o pedido de fazê-la chegar à direção do Partido Socialista Brasileiro:

"Prezado camarada: A última reunião do Comitê de Conferência Socialista Internacional (COMISCO), realizada em Paris em dezembro de 1949, ao receber o pedido de admissão do Partido Social Democrático do Japão, expressou também a esperança de ver os partidos operários de todos os países unidos em uma grande associação dos partidos socialistas e operários de todo o mundo. A assembléa da reunião pediu ao Secretariado Administrativo que abrisse conversações com os Partidos

operários ainda não filiados ao COMISCO, a fim de conhecer sua opinião sobre tão questão. Ficar-lhe-ia grato se submetesse essa questão ao Executivo Nacional do Partido Socialista Brasileiro e me fizesse conhecer sua decisão. Se o Executivo Nacional decidir filiar-se ao COMISCO, por favor, envie-nos um pedido formal nesse sentido e um esquema das organizações de seu Partido, do de suas atividades, de sua imprensa, e, finalmente, de sua representação no Parlamento e outras assembléas públicas. Se maiores informações forem desejadas, teremos o prazer de estar a seu serviço. Com saudações fraternais, sinceramente seu — Julius Braunthal, secretário administrativo".

(Continúa na 4.ª pag.)

# Folha Socialista

**Directores responsáveis:**  
Antônio Cândido e  
Arnaldo Pedrosa d'Horta  
**Gerente:**  
Fébus Gilkovate

ANO III - 20 DE MAIO DE 1950 - N.º 51  
PREÇO DO EXEMPLAR — Cr\$ 0,50  
EDITADO PELA COMISSÃO ESTADUAL DE SÃO PAULO DO  
PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO

**Redação:**  
Praça da Sé, 237 - 2.º and.  
Telefone: 3-9784  
SAO PAULO — BRASIL

## FIGURAS DO SOCIALISMO CONTEMPORÂNEO

**LÉON BLUM** foi uma figura complexa de intelectual e de político. Francês até a raiz dos cabelos, apesar da raça, iniciou sua vida pública como um intelectual puro, gratuito. Pertencia à geração de Gide, e Valéry e de Proust. Começou como colaborador da "Revue Blanche", na qual só escreviam os literatos mais requintados de seu tempo. Esse início da vida de Léon Blum no campo puramente literário marcou sua vida política posterior. A política só o absorveu quando a literatura já o havia formado. Não quer isso dizer que ele tenha nascido para vida com um coração murcho. Simpatias socialistas cedo brotaram nele. Entretanto, a princípio elas não foram a sua preocupação fundamental. Foi preciso encontrar a figura cíclica de Jean Jaurès para que o intelectual desinteressado começasse a transformar essas simpatias socialistas e humanitárias em atividade política concreta.

Ainda assim, quando se decidiu a colaborar com Jaurès no órgão central da Secção Francesa da Internacional Operária, Blum tornou-se simplesmente o crítico de teatro de "L'Humanité". Já era então um intelectual socialista, mas não um militante engrenado no Partido. Só a catástrofe da guerra transformou-lhe outra vez as preocupações. Um choque emotivo que o abalou até a alma o impediu de vez para a atividade prática e partidária. Esse choque foi o assassinio de Jean Jaurès, nas vésperas da guerra, quando o grande apóstolo da humanidade despendia desesperados esforços para entrar em contacto com o socialismo europeu ocidental, sobretudo o alemão, a fim de conjurar o desastre. Jaurès procurava então defender as decisões do Congresso Internacional de Basileia. Apelava ao operariado europeu para que se levantasse a fim de impedir a calamidade da guerra. Um braço fanático deitou por terra a esperança talvez da paz na humanidade.

Jaurès era o mestre, o guia e o amigo de Blum. Em torno de sua personalidade inconfundível reuniam-se os discípulos — toda uma juventude fervente e entusiasmada, embebida dos ideais da revolução francesa e dos ensinamentos de Marx e de Blanqui. O socialismo francês já então amalgamava as iluminações revolucionárias de 89, com os rigores penetrantes do marxismo e a experiência gloriosa e trágica da Comuna de Paris.

Diante da tragédia dupla, Blum, o intelectual puro, sentiu cair sobre seus ombros novas e formidáveis responsabilidades. Abandonou a crítica de teatro, onde os conflitos sociais aparecem apenas como reflexos, pelo teatro da política, onde esses conflitos constituem a trama mesma da realidade. Blum se transformou em líder. Tornou-se, quase sem transição, o verdadeiro sucessor de Jaurès, primeiro na direção de "L'Humanité" e depois na direção do próprio Partido Socialista Francês.

O Congresso de Tours, depois da guerra, é o congresso em que o socialismo francês se cinge em duas alas irredutíveis, — de um lado os partidários da Segunda Interna-

# LÉON BLUM

## COMO INTELECTUAL E COMO LÍDER SOCIALISTA

cional, e de outro os da Terceira, que acabava de ser fundada em Moscou sob os clarões da revolução russa.

O P. S. F. mutilado, perdeu o jornal de Jaurès, que passou a ser o órgão do Partido Comunista recentemente fundado; Blum lança um novo órgão, "Le Populaire", de que foi o director até a morte.

### A CRISE DA SOCIAL-DEMOCRACIA

Não se pode falar em Léon Blum, militante socialista, abstraindo a situação da Europa entre a Primeira e a Segunda Grande Guerra Mundial. Os países avançados da Europa Central sentem as convulsões revolucionárias dos primeiros anos de após-guerra. A social-democracia encontra-se pela primeira vez no poder notadamente na Alemanha e na Austria. Anos trágicos para o futuro da humanidade, pois foi então que o socialismo sobre as suas maiores derrotas. Na Alemanha, o socialismo democrático revolucionário perdeu as suas maiores figuras desde Jaurès: Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Eles eram então os únicos com estatura moral e política, e prestígio popular e intelectual para ombrear com os gigantes da revolução russa — Lênine e Trotsky. Com essa perda irreparável, o proletariado viu-se irremediavelmente dividido na Europa e impotente para a grande tarefa de transformação socialista a que era chamado a realizar pela imposição da história.

Na ausência dessa transformação, a social-democracia no poder trouxe, contudo, ao proletariado europeu uma série de leis sociais que, até então, só existiam na pauta das reivindicações imediatas e no programa mínimo do socialismo e do sindicalismo ocidental. Entre estas podemos citar a lei de oito horas de trabalho, as convenções coletivas, o reconhecimento oficial pelo Estado do papel fundamental dos sindicatos operários e regulamentação do trabalho e o reconhecimento internacional do novo direito fundado no trabalho. O Tratado de Versalhes, com toda a sua estreiteza, reconhecia pela primeira vez, a existência do proletariado organizado, e a Liga das Nações criava a Repartição Internacional do Trabalho.

Do outro lado, a Terceira Internacional se havia fundado na perspectiva do colapso imediato do capitalismo em escala mundial e na necessidade, portanto, de preparar o exército proletário para essa eventualidade, considerada iminente em face da guerra que abalou a ordem capitalista nos seus alicerces.

Entretanto, ao invés dessa crise catastrófica, verifica-se uma normalização relativa da crise do capitalismo. E o Com-

internacionalista presu na malha de um reformismo sem saída, não teve outro meio senão reconhecer com objetividade (naquele tempo ainda existia objetividade nos círculos internacionais comunistas), que a situação havia mudado. Foi então forçado a rever o seu prognóstico fatal relativo à Social-Democracia. Esta, ao contrário de perecer, reforçou-se outra vez, reconquistando a maioria da massa operária. Na Alemanha, na Austria, na Tcheco-Eslováquia, na Holanda e na Bélgica, a social-democracia participa do poder como partido majoritário. Em França, sob a liderança de Blum, o Partido Socialista renuncia-se a participar do governo em colaboração com os democratas burgueses e mesmo quando, por motivo táticos, participa de blocos com os radicais-socialistas contra a direita conservadora. Blum sentia que, com a participação no governo burguês, predominaria a corrupção de que já se viam exemplos nos meios parlamentares do P. S. F. Os casos de Millerand, Briand e Laval, cujo careerismo os arrastou a renegar até o ideal e levá-los à traição, foram os mais célebres. Blum resistiu à vaga de corrupção. Graças a ele, a sua intransigência doutrinária e moral, o Partido Socialista Francês não seguiu na estrada do oportunismo e pôde manter-se forte e em ascensão até tornar-se majoritário em 1936, diante de outra crise revolucionária que surgia na França.

Em face do reforçamento dos partidos socialistas e da normalização relativa do capitalismo, o Quarto Congresso da Internacional Comunista renuncia-se para reconhecer a realidade objetiva da situação. Com o desaparecimento da perspectiva revolucionária, palavra de ordem de guerra de morte à Segunda Internacional é retirada, e substituída pela tática da frente única.

Nesse intervalo deu-se o movimento chamado da "Internacional Segunda e Meia", uma tentativa de fundir outra vez as duas alas do proletariado, decididas desde o fim da guerra. Essa Internacional foi fundada em Viena, sob a inspiração do austro-marxismo. Isto é, da esquerda social-democrática. Essa tentativa de restabelecer a unidade das fileiras proletárias fracassou. A Internacional Comunista sabotou o movimento. Seus objetivos ao propor a frente única eram de ordem puramente tática.

Blum, em França, via com simpatia a iniciativa fusionista, que falhou, com as suas graves consequências para o futuro do movimento socialista e do desenvolvimento político europeu, ulteriormente.

Passados alguns anos, o capitalismo entra em nova crise no mundo inteiro, sobretudo nos Estados Unidos e na Alemanha. Neste último país, verifica-se a impotência da

social-democracia em achar uma solução para a crise, pressa que estava à aliança com os partidos democráticos burgueses. Vê-se reduzida, assim, à defesa das conquistas sociais ameaçadas pela reação capitalista conservadora e à defesa das liberdades democráticas postas em xeque pela vaga ascendente do nazismo.

Toda essa fase entre a primeira e a segunda guerra mundial foi caracterizada por Euzsky como uma fase de interregno entre o capitalismo e o socialismo. Acudidos à defensiva, os Partidos Socialistas não obtêm maioria absoluta no Parlamento, para impor o seu programa. Adotam então a solução de participar do governo com partidos democráticos burgueses, com o objetivo de defesa do status quo social e das prerrogativas políticas da democracia. Por outro lado, os comunistas voltam à sua intransigência, e desenfream-se na demagogia para conquistar as massas descontentes, numa desmoralizante concorrência aos processos de Hitler e de Goebbels.

### HITLER E A TRAIÇÃO DOS COMUNISTAS

Posso dar testemunho pessoal dessa política, pois estava na Alemanha militando no Partido Comunista, e assisti e participei das primeiras lutas contra a frente única nas ruas que a direção do Partido Comunista em Berlim muitas vezes mandou fazer com os nazistas, dirigidos por Goebbels, contra o partido socialista e suas demonstrações.

Dividida, dilacerada, em plena crise, a classe operária sentia-se impotente. Fica paralisada, e as suas frações menos conscientes, já em pleno desespero, começam a evoluir no sentido da demagogia de Hitler. Por toda parte, surgia um clamor pela frente única entre socialistas e comunistas, rejeitando-se mesmo movimentos espontâneos nos centros operários nesse sentido. Já as portas da subida de Hitler, a direção do Partido Comunista em Berlim acabou adotando, pela pressão das massas, a palavra de ordem da frente única com os socialistas. Thomsen foi a Moscou para obter o consentimento do Comintern para essa reviravolta técnica, mas em vão. Ela é condenada por ordem direta de Stalin. Foi a primeira prova de que, as esperas dirigidas da Rússia começavam a colocar os interesses do proletariado europeu abaixo dos interesses do governo nacionalista russo. O governo soviético preferiu ver Hitler subir ao poder a qualquer ameaça, mesmo indireta, de complicação internacional decorrente da resistência do proletariado alemão na defesa de sua liberdade, de suas organizações sindicais, partidárias, culturais, à ascensão do nazismo.

A crise do capitalismo chegou até a França. Surgem ali os primeiros grupos fascistas organizados pelos coagurados. Ao mesmo tempo, o P.S.F., que se havia mantido até então fora do poder, começa a evoluir francamente para a esquerda. Reconhece a necessidade absoluta de luta contra a ameaça fascista. Vê a ascensão ao poder de Hitler na Alemanha sem resistência, o que provocou profunda desmoralização no proletariado de toda a Europa. Foi preciso o glorioso levante da Comuna de Viena contra os canhões do chanceler Dollfus apoiado em Mussolini, para restituir às fileiras socialistas o ânimo inquebrantável que havia desaparecido.

A fim de preparar o Partido Socialista Francês para os combates que se avizinhavam Blum rompeu o velho bloco eleitoral de socialistas e radicais-socialistas, com Herriot à frente. Mas neste momento, quando o P. S. F. evolvia para a esquerda, deu-se uma reviravolta comunista. Diante do descalabro da Alemanha, com a subida de Hitler, os comunistas tiram do baú a velha tática de frente única. Mas com que impedir a evolução do socialismo para a esquerda? Pairava no ar a palavra de ordem de Blum-Thorez: ao poder para constituir um governo comum. Via-se nesta união a única maneira de evitar a catástrofe, preservar a paz e salvar a revolução espanhola. Os comunistas, porém, impõem para ampliar-se a união aos partidos burgueses. Na defesa de quem? Dos interesses nacionalistas russos. O governo russo sentia-se isolado diante de Hitler armado até os dentes e do Mikado hostil. Sua preocupação estava em aliar-se à França, num bloco contra Hitler. Foi o momento do pacto Stalin-Laval, e para isto era preciso a aliança com os radicais-socialistas desmoralizados pela impotência política de que vinham dando prova e por uma série de escândalos em que se viam envolvidos. Fez-se a Frente Popular, em pleno triunfo do movimento ascendente das massas, da forma como queriam os comunistas. Seu fracasso final conduziu à catástrofe irreparável da guerra.

### BLUM NA CHEFIA DO GABINETE

De qualquer modo, as eleições deram ao P. S. F. a posição de majoritário. Em consequência, Blum assumiu pela primeira vez as rédeas do poder. Nesse mesmo instante os operários de França interpretaram a subida de Blum ao governo como significando a sua subida também ao poder, nas fábricas.

Foi então que se deu o formidável movimento de greves de 1936, com ocupação das fábricas pelos operários. Os conservadores amedrontados se esconderam por trás de Daladier, que por sua vez foi se abrigar atrás de Thorez, enquanto Thorez paralizava as mãos de Blum.

(Continua no 6.º pag.)

# VOTEM NOS CANDIDATOS SOCIALISTAS

PARA GOVERNADOR DO ESTADO DE S. PAULO:

FRANCISCO PRESTES MAIA

PARA A CAMARA DE DEPUTADOS FEDERAL:

Cid Franco, jornalista;  
Antonio Candido, professor;  
Joaquim Vieira Filho, médico;  
João Caetano Alvares Junior, engenheiro;  
Plínio Gomes de Mello, jornalista;  
Eduardo Barnabé, ferroviário;  
Eduardo Almeida Leite, professor;  
Fenelon Chaves, ferroviário;  
João Gonçalves Netto, motorista;  
Rubens Ulhoa Cintra, jornalista;  
Mario Scholz, pintor;  
Nabor da Graça Leite, ferroviário;  
Pedro Tarlá, viajante;  
Francisco Giraldes Filho, agricultor.

PARA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA ESTADUAL:

Alipio Correia Netto, médico;  
Astrogildo Marques, pedreiro;  
Antonio Cillo Netto, médico;  
Antonio Costa Correia, advogado;  
Ary Lex, médico;  
Cid Franco, jornalista;  
Foch Simão, advogado;  
Hozair Motta Marcondes, funcionário;  
Geraldo Campos de Oliveira, professor;  
José A. Rogé Ferreira, estudante;

José Calazans de Araujo, comerciante;  
José Candido Lienert, advogado;  
Julio Franco de Araujo, advogado;  
José Gonçalves Machado, jornalista;  
Luiz Lopes Coelho, advogado;  
Mario Neme, jornalista;  
Mauricio Loureiro Gama, jornalista;  
Otavio Nogueira, agrimensor;  
Paulo Ferraz, jornalista;  
Patricia Galvão, jornalista;  
Salvador Nacca, gráfico;  
Carlos Anselmo, ensacador;  
João Carlos Azevedo, médico;  
Miguel Midole, jornalista;  
Syr Martins, dentista;  
Paulo Vilares de Almeida, ferroviário;  
Silas S. Souza Camargo, ferroviário;  
Fabio Moura, professor;  
Benedito Macambira, operário;  
Antonio Medeiros, comerciante;  
Antonio Simões de Almeida, funcionário;  
Bento Manoel Siqueira, agricultor;  
Renato Correia Rocha, agricultor;  
Lauro Lima Verde, advogado;  
Mario Mattozinho, médico;  
Henrique Péres, funcionário;  
Valdemar Godoy, agricultor;  
Luiz Cairo, tecelão;  
Oriundo Dal Paggetto, metalurgico;  
Cervantes Angulo Dias, médico;  
Jorge Pacheco dos Santos, portuário;  
José Mario Junqueira Azevedo, estudante.

## TEVE INICIO A PROPAGANDA DOS CANDIDATOS SOCIALISTAS

Noticias de São João da Boa Vista dão conta de que a propaganda dos candidatos socialistas já teve inicio. Assim é que o jornal "Cidade de São João" daquela localidade paulista transcreveu o manifesto com que a comp. Patricia Galvão se apresentou ao eleito- rando bandeirante. Por outro lado, a comp. Patricia Galvão seguiu para Mococa e São Simão e companhia do candidato a governador do Estado, eng. Prestes Maia, tendo falado no comício realizado nessa ultima cidade.

Em São João da Boa Vista, os socialistas fizeram intensa propaganda da visita do candidato Prestes Maia, sendo que no jantar que lhe foi oferecido, os unicos disticos existentes eram os socialistas.

TRIBUNA DE DISCUSSÃO SOCIALISTA

# Partido Socialista ou Democrata Radical?

A circunstância de que o movimento operário brasileiro não inclua, em sua tradição, a existência de Partido Socialista, é um dos traços característicos da política de esquerda no nosso país. As tentativas feitas nesse sentido posteriormente a 1930 jamais conseguiram grande desenvolvimento, ficando res-

tritas a pequenos grupos, limitadas a número reduzido de Estados, e que não puderam dar expressão nacional a essa tendência política.

O atual Partido Socialista Brasileiro, nascido da Esquerda Democrática — e já tardiamente nascido, pois fortes resistências impediram que o nitido ró-

tulo socialista marcesse de começo a aglutinação da E. D. — deve, pois, abrir um caminho inteiramente novo, no qual as dificuldades são representadas pelo inceditismo da posição que pretende marcar, e as facilidades se traduzem pela inexistência de erros anteriores que lhe desfigurem a fisionomia.

Nossa responsabilidade é, assim, muito grande, quando vamos fixando as atitudes que, entrosadas umas às outras, vão configurando o nome do Socialismo no Brasil. Temos, praticamente, todas as chances, e somente uma incertida sofreguidão, a incapacidade de previsão do desenvolvimento dos acontecimentos políticos, a falta de confiança no futuro do movimento operário e popular, poderiam explicar que puzessemos a perder uma tarefa histórica que, sobre ser viável, já começa a se traduzir em realidade.

Até hoje não nos assinalamos perante o povo como um partido realmente revolucionário, autenticamente anti-capitalista. Porisso ainda não somos um polo

de atração para aqueles que se afastam do Partido Russo e não encontram outra bandeira sob a qual acolher-se; porisso ainda não podemos competir com, nem desbancar a demagogia do trabalhismo e do populismo de Getúlio, Ademar, Borghi e de todos esses Caíós.

Porém, si ainda não temos uma marca positiva dessa natureza — e se es-

tamos perdendo tempo no atrazar a elaboração desse traço — conquistamos, de todo modo, uma feição negativa que tem algum valor. Nosso renome é de que "não" somos um partido de conchavos, "não" nos perdemos na política profissional, "não" trocamos o nosso programa por um prato de lentilhas.

(Continúa na 4.ª pag.)

## Libertar os Sindicatos é tarefa da Democracia

(Conclusão da 8.ª pag.)

nessa comissão: as despesas com o "Serviço de Recreação Operária", e no que consiste essa recreação; as despesas com auxílio aos diversos congressos etc.

Trabalhadores brasileiros! Neste 1.º de Maio de 1950, as perspectivas para a implantação do regime socialista alargam-se promissoramente. O regime capitalista continua preso, organicamente preso, às contradições que o devoram. A "Prosperidade" capitalista continua a não ser capaz de acabar com o desemprego. A guerra não representa mais nem saída, nem solução para o regime capitalista. A guerra moderna, pela natureza das armas de que usa, significa a catástrofe, a ruína geral. Só a paz social fundada num regime de socialização dos meios de produção proporcionará ao mundo conturbado de hoje o equilíbrio de que ele tanto necessita.

Esse regime de distribuição justa da riqueza e, ao mesmo tempo, de criação de novas e mais poderosas fontes de riqueza, só o socialismo pode trazer, o socialismo democrático, cujo fim ultimo e supremo é precisamente libertar o homem de todas as opressões, assim da opressão política como da opressão económica.

O Partido Socialista Brasileiro sauda, no dia de hoje, os trabalhadores do Brasil e do mundo inteiro! Viva o 1.º de Maio! Pelas eleições sindicais imediatas! Pelo aumento geral de salários!"

## NOVAMENTE PRESO O COMP.

JOSÉ MARIA RABELO

O Supremo Tribunal Federal julgou em uma de suas ultimas sessões, a decisão judicial que, em março deste ano, dera liberdade ao comp. José Maria Rabelo, que havia sido preso sob a acusação de "injúria ao Presidente da República". Com a excessão do Ministro Ribeiro da Costa, que manteve a decisão judicial que relaxara a prisão do comp. José Maria, o Supremo Tribunal resolveu cassar o referido despacho judicial, determinando dessa maneira que o comp. José Maria seja novamente recolhido à prisão, onde deverá aguardar julgamento por "injúria ao Presidente da República".

De nossas colunas levantamos o nosso protesto contra decisão do Supremo Tribunal, já que ficara provado serem as testemunhas da Polícia todos elementos a ela ligados, e não "comerciários" como foi alegado.

Ao comp. José Maria Rabelo, nossa solidariedade socialista, esperando que a Justiça se faça afinal, e que, em breve, um regime de maior liberdade esteja instaurado no país.

# Partido Socialista ou Democrata Radical ? Convidado pelo Comisco

(Conclusão da 3.a pag.)

Num meio político dominado, de alto a baixo, dos Morvan aos Prestes, dos Milton Campos aos Borghi, dos Getúlio aos José Américo, por preocupações imediatistas, eleitoralistas, pessoais ou oportunistas; num meio político em que uma figura da tradição de José Américo muda de partido para poder pleitear um cargo público; em que um cidadão com o nome de um Milton Campos deixa-se envolver, na mesquinha das negociações de gabinete, com quanto Benedito anda por aí a rodar — num tal meio político, o Partido Socialista Brasileiro conseguiu, até hoje, permanecer imune, e tem um nome limpo — que lhe advém do fator negativo de não participar das negociações políticas — mas que é um fator positivo.

Esse fator positivo precisa ser preservado, por ocasião da primeira grande prova pública que vamos sofrer, e que são as próximas eleições para a presidência e a vice-presidência da República, para o Senado e a Câmara Federal, para governadores dos Estados e para as Assembléias Legislativas estaduais.

Além de preservá-lo, precisamos reconquistar parte do tempo perdido, marcando, de maneira nítida e inconfundível, nossa posição absolutamente independente, diversa e oposta à de todos os outros partidos que vão participar do pleito. Para fazer isso, é indispensável que tenhamos candidatos nossos, candidatos socialistas, com uma plataforma socialista revolucionária, à presidência e à vice-presidência da República. Somente assim cortaremos o cordão umbelical que ainda nos liga à UDN, em cujo seio constituiu-se a Esquerda Democrática; somente assim deixaremos de ser considerados pelo povo como um apêndice mais ou menos intelectual da burguesia dita liberal; somente assim marcaremos o início de nossa caminhada autônoma para o socialismo, que não pode ser realizada na companhia de nenhum partido burguês, nem pode ser efetivada graças às mercês de nenhum caudilho, por mais que este se comporte direito na vida civil.

Grande é, por isso mesmo, a responsabilidade da Convenção Nacional do Partido Socialista Brasileiro, que vai decidir de nos-

sa orientação em face das próximas eleições. Não tenhamos dúvidas: do que ali fôr decidido, dependerá que o nosso partido se desenvolva como um autêntico partido socialista, capaz de efetuar no país a revolução econômica e social que está em nosso programa — ou sairá um partido de efetiva tendência democrata-radical com fraseologia esquerdista.

Participarmos das próximas eleições como caudatários e ao mesmo tempo fiadores de um candidato da burguesia, será uma atitude que irá ter consequências mediatas e imediatas na organização partidária em todo o país. Essa questão vai ser a encruzilhada em face da qual a definição a ser tomada resolverá, por um bom espaço de tempo, si poderemos ser o Partido Socialista que até hoje não existiu no Brasil, ou si cederemos em face do ambiente, como tantos outros partidos socialistas estrangeiros cederam, e acabaremos perdendo a pujança e a combatividade, e acomodando-nos, diante de cada questão, nas cômodas poltronas do "mal menor".

Renunciar à candidatura própria para os cargos do executivo federal valerá por aconselhar uma linha não combativa às sec-

ções estaduais do partido. Implicará, pois, em que nos dividamos em acordos sem maior conteúdo, como ocorre com todos os partidos em ocasião de eleições. Implicará em renunciarmos à tarefa — dura, sem dúvida, mas compensadora — de criarmos um corpo coerente funcionando nacionalmente, recusando os entendimentos por mais vantajosos que possam ser eleitoralmente, para assegurar a vitória do programa, das idéias, das reivindicações socialistas, num prazo muito mais longo, mas com absoluta certeza.

E' preciso que o nosso partido não possa ser visto, pelos que o olham de fóra, como uma outra qualquer legenda, aberta aos políticos avulsos, sempre que seu ingresso constitua um negócio politicamente vantajoso.

Devemos definir-nos, no sentido de saber si queremos ser o partido da revolução socialista no Brasil — ou si nos contentamos com eleger o Eduardo Gomes da burguesia udenista para o Catete, os seus equivalentes para os governos estaduais e alguns poucos membros do partido para os diferentes órgãos legislativos.

ARNALDO PEDROSO D'HORTA

## Explorados os trabalhadores do Piquete

(Conclusão da 8.a pag.)

pouco tempo emprestando o seu valioso concurso à causa do povo e do comércio desta cidade. Merece, por isso, o agradecimento de todos os que em Piquete amam a liberdade e sonham com sua restauração no município. E ela está mais próxima de nós muito mais próxima, talvez, do que o admitamos. "A Voz do Vale do Paraíba", gratuitamente, durante sucessivas edições, emprestou sua ajuda ao povo desta terra, levando além fronteiras, a narrativa fiel e desassomburada das injustiças sociais que aqui se perpetam.

Coube, agora, à "FOLHA SOCIALISTA" participar, também, desse justo movimento popular e ela o faz com a certeza plena de estar sendo fiel ao seu destino de órgão de uma imprensa que não se nutre de negociações, preferindo a isso a árdua caminhada pela estrada reta do dever, sentinela avançada

e intemerata das aspirações populares.

Pode o povo ordeiro de Piquete confiar na desprezível mas franca ajuda de FOLHA SOCIALISTA, no momento em que, irmanado ao seu comércio, esse povo busca, de modo pacífico, mas decidido, levar os representantes do Poder Federal, nesta localidade, à contingência amarga, sim, porém a que não podem fugir — ou seja ao cumprimento das leis que o mesmo Poder Federal sancionou e às quais devem se curvar todos os cidadãos, sem distinção de classe, cor e religião, para preservação do regime democrático.

Visitando, recentemente, esta cidade, o sr. Mario Scholz, presidente da Comissão Municipal do Partido Socialista Brasileiro em S. José dos Campos, teve ensejo de inteirar-se do quanto ocorre em relação ao caso, do que resultou a colaboração da FO-

## O PARTIDO TOMA CONHECIMENTO DO CONVITE

(Conclusão da 1.a pag.)

A Comissão Executiva Nacional do Partido Socialista tomou conhecimento da proposta. Na reunião em que foi tratada essa matéria, ficou assentado que se deveria dirigir uma comunicação à secretaria do COMISCO, solicitando-lhe informações precisas e detalhadas sobre a organização.

A secretaria do COMISCO, tão cedo recebeu a comunicação do Partido Socialista, se apressou em satisfazer o pedido. Enviou um apanhado geral de suas atividades, um resumo de seus estatutos e informações diversas.

A questão voltou então a ser debatida na Comissão Executiva Nacional que, em uma de suas últimas reuniões resolveu nomear uma comissão, composta dos companheiros Hermes Lima e Mário Pedrosa, para tratar do assunto. A essa comissão caberá a tarefa de estudar a conveniência ou não do Partido Socialista aceitar o convite do COMISCO. Podemos informar, entretanto, que a tendência dominante entre os companheiros de Partido é no sentido de que a nossa resposta definitiva seja pela aceitação do convite.

LHA SOCIALISTA, aqui delineada.

Este jornal, daqui para o futuro, circulará frequentemente em Piquete, bem assim em vários pontos do país, revelando as irregularidades do comércio ilegal da "Fábrica Presidente Vargas", bem assim o prejuízo que o mesmo causa ao município, ao Estado, à

União e ao regime democrático, dado o seu caráter de exceção, dado o seu privilégio não conferido por Lei, de total isenção de impostos e tributos sociais.

Aderimos assim ao trabalho corajoso e meritório que o povo de Piquete se impôs, visando a emancipação econômica e social de sua terra.

## INDICADOR PROFISSIONAL

### ADVOGADOS

#### WILSON RAHAL

ESCRITORIO:

Praga Antonio Prado, 9 - 11.º andar  
Salas, 1107/9 - Fone: 3-4656

RESIDENCIA.

Rua Guararã, 230 - SÃO PAULO

#### DR. JULIO DE ARAUJO FRANCO FILHO

RUA BRAULIO GOMES, 25

7.º PAV. - CONJ. 709

#### Renato Sampaio Coelho

Rua José Bonifácio, 209

11.º andar - Salas 1.104-6-8-10

Tel.: 6-3013

#### ADELMAR V. BRANDÃO ANTONIO COSTA CORREIA

RUA FRADIQUE COUTINHO, 303

R. CONS. CRISPINIANO, 79

5.º Andar - Tel. 6-3013

#### HIRAM MAYR CERQUEIRA

TEL.: 3-5502

R. Sen. Paulo Egídio, 61 - 3.º

SÃO PAULO

#### Drs. Hozair Motta Marcondes e Carlos Nobrega Duarte

Rua Benjamin Constant, 138

3.º Andar - Tel 2-6652

### FREITAS NOBRE

ADVOGADO

Rua José Bonifácio, 233 - 3.º And.  
Tel.: 2-0168

## HOSPITAL 9 DE JULHO

Rua Peixoto Gomide, 647

Fone — 6-6565

CIRURGIA GERAL

ABERTA A TODOS

OS MÉDICOS

### MÉDICOS

#### DR. FEBUS KIKOVATE

Xavier de Toledo, 46 - 3.º

CLINICA DO APARELHO RESPIRATORIO  
RAIOS X

#### DR. EMILIANO NOBREGA

CLINICA MÉDICA

Rua da Estação, 13

TREMEMBÊ DA CANTAREIRA

### DENTISTAS

#### DR. OSVALDO ANTÃO

FERNANDES, C. D.

Clinica geral - Infecções dentárias - Cirurgia - Raios X - Dentaduras (com curso Post. Graduado)

Rua Barão de Itapetininga, 139 - 3.º and.

Ap. 2 - Tel.: 4-0027

SÃO PAULO

PROBLEMAS DO SOCIALISMO MODERNO

# Socialismo e Liberdade

(Conclusão)

As novas gerações políticas da classe operária não foram educadas em um espírito crítico e independente, que lhes permita tomar posição livremente em face das tarefas de cada dia. O conceito totalitário da disciplina e da obediência, o sentido ultimista da propaganda, os métodos monstruosos de luta política introduzidos no movimento operário, que condenam a um anátema infamante e mesmo à morte o discordante, submetem à direção dos mais poderosos, a quase totalidade da opinião dos trabalhadores. Os formidáveis meios modernos de propaganda e difusão, que a técnica e o progresso colocaram a serviço dos homens, converteram-se num instrumento de dominação moral, servindo estritamente à mentira, à impostura, à confusão.

É extraordinário o alcance proselitista do fato afirmado, da causa triunfante, do poder da dominação. Constituem maioria as pessoas que, sem examinar os fatos mais profundamente, reconhecem como bom tudo aquilo que num momento dado teve força suficiente para consolidar-se. Para esses, a razão está sempre com aquilo que triunfa ou que apenas se impõe graças à coação ou ao terror. Essa é a explicação da aceitação que toda ditadura, uma vez estabelecida, costuma encontrar entre as grandes massas da população. Esse é também o segredo do fetichismo, sabidamente explorado, que se alimentou entre os trabalhadores em relação ao regime soviético russo; essa a causa da fé ilimitada que se desenvolveu entre eles, e que apresenta as coisas como maravilhas e os homens como gênios.

Entretanto, toda a evolução da humanidade verificou-se em consequência e à custa da ação de minorias que, em cada época, interpretaram novos interesses e sentimentos que, através de lutas incessantes, terminaram por impor-se como lei fatal da história. Os partidos social-democratas desenvolveram-se, inicialmente, em luta aberta contra o capitalismo, mas também em oposição a uma grande maioria da classe operária, que não tinha noção de seus verdadeiros interesses de classe, que fazia suas as concepções da burguesia e girava em sua órbita. Os partidos comunistas deram à porção mais avançada da classe trabalhadora a arma da teoria e da tática marxista revolucionária, em combate, inclusive sangrento, contra a capitulação social-democrata, que se mantinha nos limites das reformas dentro do quadro da sociedade capitalista. Atualmente uma minoria decidida, embora ainda não coerente, luta no mundo para manter no proletariado sua fé no socialismo e conduzi-lo nesse sentido. Jamais movimento histórico algum teve que marchar por uma estrada mais espinhosa que aquela que percorreram as minorias atuais, em choque com os interesses criados e com o fanatismo desenfreado.

A experiência dos últimos anos demonstra-nos concretamente que o regime de produção não é independente das condições de existência. A dependência econômica, base da sociedade burguesa, não pode criar homens livres. Entretanto, um regime que, em princípio, seja de economia

coletiva, não supõe em si, conforme a prática demonstra, uma sociedade de desentvolvimento autônomo das liberdades humanas. O regime coletivo da economia não deve criar um aparelho mastodontico a serviço dos interesses de hierarquia e de posição social de uma minoria surgida das próprias entranhas da classe operária. O proletariado triunfante em um país não pode esquecer a necessidade de internacionalizar a forças de produção e de praticar a solidariedade mundial do socialismo, para encerrar-se em um só país e projetar sua influência exterior unicamente em relação com seus interesses nacionais e sacrificando a estes inclusive o curso da revolução em outros países.

Para nenhum socialista pode ser indiferente, não somente o desenvolvimento da economia, mas também as novas formas de convivência humana, o desenvolvimento das liberdades individuais e das concepções de vida, no único país que, em princípio, encaminha-se para o socialismo. Trata-se, para os socialistas, de uma lição que deve ser imitada, corrigida ou repudiada, e não podemos admitir "a priori" que nos imponham o acatamento cego, sem direito a exame.

O problema da liberdade em relação ao socialismo havia sido colocado até agora quase

que exclusivamente por professores social-democratas ou simplesmente burgueses, que o situavam em terreno meramente especulativo. A idéia da liberdade política, em seu sentido mais abstrato, opunha-se à do socialismo enquanto este submete ao interesse coletivo todos os egoísmos particulares. Quer dizer, para combater a verdadeira independência do indivíduo, falava-se da liberdade abstrata, ocultando a liberdade real. Entretanto, como dizia Marx, "para libertar não basta elevar-se em espírito e fazer pairar sobre sua cabeça real e sensível o jugo real e sensível, que não se deixa destruir por simples idéias".

O tema da liberdade adquire agora para os socialistas uma nova atualidade porque, deformada na prática, é necessária reivindicar sua verdadeira concepção. Entendo por liberdade, no domínio do socialismo, não somente o que se refere à crítica geral da liberdade individual na sociedade burguesa; nem somente a concepção relativa no desenvolvimento do indivíduo na sociedade futura, ou o conjunto de regras que estabelecem as normas de conduta no interior dos partidos que se reclamam do socialismo.

Todos estes aspectos do problema da liberdade estão na ordem do dia para os socialistas revolucionários, de ma-

neira mais candente que nunca, e em todos os países. Mas interessa-nos também, essencialmente, à luz da experiência destes últimos anos, estudar a qualidade política e moral do militante atual, sua mentalidade, sua sensibilidade e seu critério em face dos diversos problemas da vida coletiva e individual. Porque o conjunto de suas atitudes, sentimentos e reações pode constituir os diversos aspectos de uma concepção geral que se queira impor como aspiram a que os socialistas em geral visam. Através da crítica dos erros, impõe-se restabelecer o sentido libertário do socialismo, quanto à coletividade e ao indivíduo. Partindo daí deve fazer-se a verdadeira educação socialista do militante, que o situe na vida com a mesma atitude de independência que caracterizou nossos professores.

Há numerosos socialistas revolucionários independentes que apresentam suas divergências com o stalinismo num terreno rigorosamente político, ou seja, no plano de suas divergências com a atuação política geral do mesmo. A meu ver, é um erro circunscrever de tal modo o problema de nossa época, deixando de compreender e de realçar o tremendo abismo que se abriu entre a moral, os métodos, os costumes e a ideologia do verdadeiro socialismo, e de algumas

de suas correntes atuais. Através de seus desvios fundamentais, uma dessas correntes foi dando forma a uma filosofia clínica, que partindo da desconfiança na faculdade criadora das massas e em seu instinto de liberdade, estabeleceu uma mentalidade gregária que teve como consequência a escravidão moral dos trabalhadores.

O stalinismo é um fenômeno internacional, filho degenerado do movimento operário, com características similares em todos os países e que corresponde a uma mesma concepção eclética e a uma idéntica amoralidade política e tática em todos os lugares. É uma corrente que se desenvolveu numa conjuntura histórica em que a luta entre duas civilizações não foi resolvida, nascendo de tal contradição uma desmoralização progressiva. Situar a crítica do stalinismo num terreno limitado de discordância política, relativo ao desvio de seu ponto de partida ou de seu comportamento, significa analisar ou compreender o aspecto objetivamente mais importante do problema, mas equivalente também a subestimar toda uma série de aspectos subjetivos cuja consideração pode conduzir-nos ao estabelecimento de um diagnóstico e da sua respectiva terapêutica política.

A luta de nosso tempo trava-se, pois, pelo socialismo e pela liberdade. Pela socialização dos meios de produção, que faça desaparecer a coação econômica sobre os homens e facilite seu livre desenvolvimento em todos os aspectos da vida. Mas também contra as tendências oligárquicas dos partidos operários, que roubam aos trabalhadores o direito de pensar livremente, que o tornam vítima de sofismas dogmáticos e os convertem praticamente em pobres de espírito, que precisam submeter-se à autoridade de uma minoria de despotas iluminados.

JUAN ANDRADE  
(De "La Batalla")

## Declaração de Princípios do Movimento da Juventude Socialista

Companheiros estudantes do Rio de Janeiro vêm, há tempos, trabalhando no sentido de formar a Juventude Socialista Brasileira. Agora, tendo conseguido congregar um núcleo de jovens dispostos ao trabalho, constituíram-se em Movimento da Juventude Socialista, do qual deverá sair, se as circunstâncias o permitirem, a Juventude Socialista, à qual estará destinado um papel muito importante no futuro do movimento socialista brasileiro.

Para conhecimento dos companheiros estudantes de São Paulo, possibilitando uma discussão ampla dos princípios que deverão reger esse movimento, damos publicidade aos mesmos, esperando receber críticas e sugestões.

### DECLARAÇÃO POLITICA FUNDAMENTAL DO M. J. S.

Os jovens socialistas do Brasil, consideram que:

- 1 — O mundo se precipita, por circunstâncias alheias à vontade e à determinação dos povos, pelos caminhos de uma 3.a guerra, em que se disputará o domínio do mundo;
- 2 — Essas circunstâncias resultam do antagonismo entre os dois blocos superimperialistas que sobreviveram à guerra de 1939 — o russo e o norte-americano;
- 3 — Nenhum desses dois blocos abre qualquer perspectiva ao progresso social da humanidade. A estatização dos meios de produção na

U.R.S.S. é apenas o fundamento de uma nova forma de exploração do homem pelo homem. Por sua parte, a "democracia ocidental" está cada vez mais ameaçada pela crise do capitalismo, e não sobreviverá a uma nova guerra mundial;

4 — Somente a existência de uma terceira força socialista internacional, independente, democrática e revolucionária, poderá afastar da humanidade o perigo de uma nova guerra;

5 — As soberanias nacionais foram superadas pelos dois gigantes que disputam o domínio do planeta. Portanto, a luta pela paz, pela liberdade dos povos, contra qualquer forma de dominação imperialista deve ter por objetivo a unificação socialista do mundo, isto é, a planificação da economia, socializada acima das fronteiras nacionais;

6 — A crise da estrutura social do Brasil, devido à impotência da burguesia nacional e às atuais condições históricas, não tem solução dentro do quadro capitalista e nacional, só podendo ser resolvida pelo socialismo democrático e revolucionário, dentro de uma perspectiva internacional;

7 — O socialismo é a posse dos meios de produção pelos produtores livremente associados, preservadas as formas independentes de organização, bem como as liberdades fundamentais do homem,

e superados os quadros nacionais;

8 — Cabe à juventude um papel de vanguarda na luta pela realização de todos esses objetivos.

Por essas razões, os jovens socialistas do Brasil resolvem fundar, nesta data, o "Movimento da Juventude Socialista" que terá os seguintes objetivos:

- a — Difundir entre a juventude os ideais socialistas de modo a torná-la uma força de vanguarda na luta do movimento operário pela ascensão do proletariado ao poder e pela socialização da economia;
- b — Preparar quadros e condições políticas para a fundação de uma Juventude Socialista do Brasil;
- c — Contribuir para os esclarecimentos dos principais problemas do movimento socialista em nossos dias;
- d — Combater as influências reacionárias, totalitárias e alienantes com que o declínio da sociedade burguesa ameaça a juventude;
- e — Lutar pela ascensão da juventude nos terrenos econômico, social, político e cultural, material e espiritual, em particular da juventude operária que há de ser o cerne e o fundamento da JUVENTUDE SOCIALISTA;
- f — Lutar pela preservação das liberdades democráticas em geral e, em particular,

(Continúa na 6.a pag.)

## O stalinismo...

(Conclusão da 7.a pag.)

tas procederem de maneira tão abominável nos Estados Unidos e no Grã-Bretanha, durante a "Grande Aliança", que conseguiram se distinguir entre os "pelegos" mais vilhacos. Mas esse servidor de aluguel não tem a confiança da burguesia e não a tem sob dois pontos de vista. Em primeiro lugar, ao mesmo tempo que pretende servir, ele isola e solapa as intruções burguesas. Em segundo lugar, o contrato de aluguel de tais serviços não está sob o controle da burguesia e pode ser modificado ou supresso unilateralmente pela burocracia russa, isto é: pelo empregador real, pelo proprietário dos partidos stalinistas; eis aí um fato que pode servir de prova suplementar, tão conhecido é ele por quem quer que se interesse por política.

Por toda a parte do mundo, depois das ricas e instrutivas experiências dos dez primeiros anos, dificilmente achar-se-á um burguês de esquerda que ponha sua confiança nos "serviços" de "seus stalinistas. Ele considera os protestos de lealdade dos PCs ao regime burguês com a mesma desconfiança acusadora — bem justificada aliás — com que os revolucionários ouviam os juras de lealdade de Hitler ao socialismo.

(De Confrontation Internacional)

(Continúa.)

## A Classe Operária saberá...

(Conclusão da 1.a pag.)

nações americanas". "Precisamos encontrar em nossas próprias fileiras, e elevar à liderança, aqueles homens que procurarão o caminho do trabalho, da verdade e da integridade, contra qualquer aspecto sedutor do progresso pessoal". "Precisamos rasgar o papel de parede que contorna a vileza daqueles que desculpam o socialismo. Podemos mesmo tratar como se fosse politicamente tão degenerado como o comunismo". "O socialismo na Inglaterra tirou dos cidadãos os direitos de propriedade, sua liberdade de aceitar ou deixar o emprego". E, finalmente, o brado de guerra final: "Este Congresso de negócios no Hemisfério Ocidental pode, e creio, deve erguer-se e em união proclamar que socialismo, comunismo, totalitarismo não são para nós. Aceitamos o desafio e com a ajuda de Deus haveremos de preservar a grande herança das nações americanas".

Os socialistas conscientes já conhecem o sr. Kemper e os homens de negócios. Para eles a única surpresa reside na desfaçatez e no cinismo com que foram proclamadas as verdadeiras intenções dos homens de negócios (leia-se da burguesia). É necessário, porém, que o trabalhador e o homem do povo meditem bem no significado das palavras pronunciadas e tire as conclusões indispensáveis. Essas conclusões decorrem diretamente das frases proferidas pelo sr. Kemper, tal calorosamente aplaudido pelos seus colegas, os homens de negócios. O conceito de liberdade que o sr. Kemper tanto preza, resume-se única e exclusivamente na liberdade de explorar os seus semelhantes, negociar e enriquecer à custa do trabalho e da miséria do povo. As outras liberdades não contam. A liberdade irrestrita de pensamento, reunião e organização, inclusive para os homens de negócios, que existe na Inglaterra socialista, de nada vale para o sr. Kemper, uma vez que foi restringida a até então irrestrita e sagrada liberdade de explorar os seus semelhantes. Na opinião do sr. Kemper, a liberdade de uns poucos de explorar a maioria da população é mais importantes e mais do agrado de Deus do que a liberdade da maioria de não se deixar explorar. Nessa ordem de ideias cabe razão ao sr. Kemper quando identifica o comunismo e o socialismo. Sim, sr. Kemper. Não fazemos segredo algum do fato de que o nosso objetivo fundamental é abolir a liberdade que tendes no regime capitalista de enriquecer à custa da população trabalhadora. Comprendemos perfeitamente bem que não é a estrutura totalitária do regime comunista que vos assusta, e sim a abolição da liberdade de explorar vossos semelhantes.

O próprio sr. Kemper confessa, por omissão, que nada tem a objetar ao regime fascista, onde todas as liberdades de explorar a massa trabalhadora a massa trabalhadora.

Precisamente o oposto do que se observa no regime instituído na Inglaterra pelo Partido Trabalhista. O sr. Kemper, além de tudo ainda se revela diplomata habil. Sabe que entre os homens de negócios que com ele se reúnem não há socialistas e comunistas. Mas não duvida da presença de um ou mais integralistas ou fascistas. E estes poderiam não entender a intenção despistadora do sr. Kemper, se por acaso se referisse também ao fascismo. E talvez o sr. Kemper não queira mesmo se comprometer com o aliado natural na luta contra o socialismo.

A guerra santa que o sr. Kemper proclamou não deve cingir-se ao terreno puramente ideológico. O sr. Kemper não deseja "resoluções passageiras", e sim "uma luta" e "um espírito de cruzada". O sr. Kemper vem assim pregar a repressão policial e as leis de exceção — e isso em nome da liberdade e de Deus. O sr. Kemper e os homens de negócios não confiam mais em ninguém. Querem conservar em suas próprias mãos — "precisamos encontrar em nossas próprias fileiras" — o comando da cruzada, da guerra santa ao socialismo.

Nós, socialistas, aceitamos o desafio do sr. Kemper. Folgamos muito que tenha empregado uma linguagem clara e que não tenha escondido as suas verdadeiras intenções de homem de negócios atrás da costureira demagogia. Confiamos nas massas trabalhadoras do Brasil, da América e do mundo, e sabemos que podemos contar com elas na luta contra os senhores kemper, simbois da burguesia exploradora mundial e sustentáculos do regime capitalista, baseado da exploração do homem pelo homem.

F. GIKOVATE

## Declaração de Princípios

(Conclusão da 5.a pag.)

pela defesa da juventude contra qualquer forma de opressão material ou de obscurantismo espiritual;

g — Contribuir pelo fortalecimento de todos os movimentos de socialismo democrático do mundo e por sua organização como terceira força no cenário internacional.

O Movimento da Juventude Socialista, se bem que não seja filiado ao Partido Socialista Brasileiro, orgânica e politicamente, tanto no campo teórico quanto no campo prático, marchará paralelamente a ele, uma vez que reconhece em seu Programa e em sua atividade a presença daqueles princípios que constituem nossa razão de ser, nosso objetivo e nosso ideal.

Os fundadores do Movimento da Juventude Socialista declaram todos os jovens do Brasil, independentemente de filiação filosófica, que estabelecem de acordo com suas constatações fundamentais e seus objetivos, a que venham engressar suas fileiras.

RIO, MAIO DE 1950

## Léon Blum como Intelectual e Líder Socialista

(Conclusão da 2.a pag.)

Blum, como já disse, era sobretudo um intelectual socialista, marcado profundamente por essa fidelidade às ideias e aos compromissos que ele aprendeu na escola de Jaurès. Viu-se de novo diante de duas frentes: de um lado os radicais, de outro os comunistas. Nessa contingência o homem se revela com suas qualidades e suas fraquezas. Diante da avalanche operária que ocupava as fábricas, tomando o poder social no país preferiu ficar fiel nos termos da coligação pré-eleitoral com os burgueses radicais, e limitar-se a dar ao operariado francês uma maior importância sem duvida — mas que não atendiam o verdadeiro espírito revolucionário generalizado — entre as quais as convenções coletivas de trabalho. Dessas negociações, que ficaram célebres na história do direito industrial, o sindicalismo francês saiu em pé de igualdade com o sindicalismo inglês e com o sindicalismo alemão de antes de Hitler. Blum resistiu a formidável pressão das massas para ficar dentro dos limites do pacto da Frente e não desgostar os radicais-socialistas, sustentados pelos comunistas. A massa operária, porém, não podia compreender os escrúpulos intelectuais e morais que levavam o líder a tal atitude. Foi grande a sua decepção ao verificar por fim que a ascensão de Blum ao poder não significava a sua chegada também, ao poder nas oficinas, nas empresas, na sociedade.

### BLUM LIDER DE MASSAS

O resto que se passou em França foi uma série de movimentos desconexos e desconhecidos, dos quais a característica fundamental era o refluxo plutino das massas. Blum podia ser considerado um militante revolucionário no sentido de sua constante devoção à causa, de sua coragem implacável diante dos adversários. Não era porém um chefe revolucionário, um líder de massas, como Lenin ou Gandhi. Assim como resistiu, recusando-se a ultrapassar no poder os limites da legalidade capitalista, assim também cedeu à pressão inglesa e russa para participar num comitê de não-intervenção das potências europeias na guerra civil espanhola. Em todos os momentos, as suas simpatias, as suas inclinações, eram para as soluções populares, mas a fidelidade aos compromissos o aterrorizava sempre. É conhecido em França sua atitude em face da guerra civil na Espanha.

Os líderes espanhóis corriam para o velho socialista, a pedir o auxílio do governo francês. Blum resistiu sempre com os olhos marejados de lágrimas. Falou-lhe a audácia revolucionária de um Danton ou de Trotski, embora lhe sobrasse a mais impassível das coragens pessoais. Em frente dos cagou-lards que o cercam e o agredem por todos os lados na Praça da Concórdia, ele mostra-se admirável de bravura. Sozinho, faz frente à canaleta fascista e marcha ensanguentado para o Palácio Bourbon, onde vai atacar os adversários do

Parlamento com a mesma bravura, a mesma intransigência.

Blum era um intelectual de cultura aristocrática. No primeiro comício da Frente Popular, em França, diante de centenas de milhares de operários de todas as tendências, Blum começava a falar e dirigia-se à massa com o velho vocativo revolucionário de 89 "Citoyens!" Os operários educados na escola do Anarquismo e do Comunismo interrompem "Citoyens, não! Camarades!" Blum parava indelicado e surpreso, cedia sim, camaradas, amigos, irmãos! Esse é um episódio que marca muito a sua personalidade. Ele preferia o vocativo de cidadão, que é o vocativo social de toda a nação, que é livre, ao apêlo de camarada, que quer dizer o homem da classe, do partido e do da causa.

Depois da guerra, depois do catívoro na Alemanha, é ele um homem alquebrado fisicamente pela idade e pela doença. Encontrou a França dominada pela ascensão do comunismo, que ameaça trazer o país de canto a canto. Todos os círculos e camadas sociais francesas temem o Partido Comunista, e os que se tornam simpatizantes por covardia contam-se aos milhares. Menos Blum. Em 1935/36, em face da vaga ascendente do fascismo, ele foi partidário da união com os comunistas, mas em 1944, 45 e 46, é o adversário mais lógico e coerente dessa fusão. Era preciso então muita coragem para tomar tal atitude. A evolução do comunismo, que começara há longos anos já o levava a mostrar claramente seu caráter totalitário. Em França, como em toda a parte, o Partido Comunista ao cabo de um processo, torna-se um instrumento da burocracia de Moscou, preocupada unicamente em defender os interesses do Estado nacional russo no plano internacional. Blum compreende o perigo de uma tal posição para o socialismo ocidental. No congresso de após-guerra do P. S. F., foi ele voz eloquente e lúcida que sustentou a tendência ao suicídio do mo-

vimento socialista caso tivesse vingado a fusão com os comunistas.

Esse foi o último serviço que prestou à sua causa e aos ideais que sempre defendeu. Infelizmente, não teve mais forças para dar ao Partido Socialista Francês o dinamismo necessário para manter sua independência em frente ao governo burguês restaurado com o auxílio dos comunistas e em face do totalitarismo moscovita. Sua ação torna-se cada vez mais teórica, e sua influência apenas intelectual e moral. Deixa o Parlamento e as responsabilidades diretas pela direção do Partido. Dedica-se então ao exame da questão fundamental da transformação do capitalismo em socialismo.

De que o capitalismo está condenado, ninguém hoje duvida. Pela antiga teoria, dominante em todas as tendências socialistas, o regime capitalista só poderia ser substituído pelo socialismo. Hoje, porém, em face do desenvolvimento do totalitarismo, levanta-se a dúvida: será o capitalismo substituído, pelo socialismo ou por um regime em que dominará uma nova classe constituída de técnicos e burocratas? James Burnham é dos que acredita nesta última alternativa. Blum dedica-se ao estudo desta questão, com a lucidez e o cuidado de sempre. Chega mesmo a prefaciar a edição francesa do livro de Burnham: "The Managerial Revolution". Nesse prefácio magistral, depois de expor talmente a tese burnhamiana, ele a refuta com elegância e precisão admiráveis. E resume sua refutação nesta sentença: "Para transformar o regime social administrativo definido por Burnham num regime socialista, é necessário sómente introduzir a democracia".

Blum nos deixa esta lição exemplar: o socialismo está hoje indissolúvelmente ligado a uma atitude moral em face da vida e à luta pela liberdade humana. Não basta transformar as instituições, pois, para assegurá-lo.

Mário Pedrosa

## A NOVA COMISSÃO EXECUTIVA DO PARTIDO SOCIALISTA EM SÃO PAULO

A recente Convenção do Partido Socialista em São Paulo elegeu a nova Comissão Estadual, com mandato por um ano.

De acordo com os estatutos partidários, a Comissão Estadual, composta de 21 membros, vem de reunir-se, a fim de eleger a respectiva Comissão Executiva.

Realizado o escrutínio, por votação secreta, verificou-se o seguinte resultado:

- Presidente — Alípio Corrêa Neto;
- Secretário Geral — Febus Gikovate;
- Secretário — Tomás Martins;
- Tesoureiro — J. Calazans de Araujo;
- Secretário de Finanças — J. Caetano Alves Jr.
- Secretário de Propaganda — Antonio Costa Corrêa;
- Secretário de Arregimentação — Wilson Rahal;
- Secretário de Educação — Oliveiros S. Ferreira;
- Secretário Sindical — Plínio Gomes de Mello.

# Stalinismo e o Movimento Operário

Por Max Shachtmann

N. R. — O trabalho a que damos publicação abaixo, de autoria de Max Shachtmann, presidente da Liga Socialista Independente dos Estados Unidos, coloca uma série de problemas de extraordinária importância para a elaboração de uma política socialista revolucionária. Publicando-a, temos a certeza de estar contribuindo para esclarecer uma série de pontos ainda em discussão no Partido Socialista.

— I —

O movimento operário e o movimento socialista já têm agora, atrás de si, um bom quarto de século de experiência em relação ao stalinismo. Essa experiência ainda não terminou nos já duros suficientemente para que se possa afirmar que o movimento operário não poderá fazer e não fará progressos reais antes de conseguir exterminar o vírus stalinista.

Em 1858, Frederico Engels, a propósito da orientação que tomava o movimento proletário inglês sob a direção dos antigos cartistas, escreveu a Marx: "Em verdade, somos quasi levados a crer que o movimento proletário inglês, sob sua forma cartista tradicional, deve desaparecer completamente antes de renascer e se desenvolver sob uma forma nova e viável. E não se pode ainda prever a que se assemelhará essa nova forma". Quase um século mais tarde, pode-se dizer a mesma coisa do movimento proletário sob a forma stalinista — ou melhor: daquela fração do movimento operário que se deixa inspirar e controlar pelo stalinismo — insistindo ainda mais fortemente, de uma maneira mais enfática e com cem vezes mais de razão.

Se bastasse simplesmente concordar com tal afirmativa, o stalinismo já teria sido afastado, desde muito tempo, do movimento operário, sem esperança de recuperar nem poder nem influência. Os adversários do stalinismo são numerosos tanto no interior como no exterior do movimento operário. Se, não obstante, ele permanece uma força considerável no seio da classe operária de vários países — e mesmo se é um elemento decisivo em países como a França e a Itália — isso se deve, em primeira lugar, ao fato de que nem sempre se compreende corretamente o significado do stalinismo.

Tal fraqueza está largamente difundida, mas não é em parte alguma tão claramente visível — por paradoxal que isso possa parecer como entre os adversários revolucionários do stalinismo. E nas fileiras desses últimos, que são chamados a fornecer a direção mais lúcida, mais coerente e progressista à luta contra o stalinismo, que muitas vezes se encontram as concepções mais ambíguas e confusas. Tais concepções paralisam sua luta ou anulam de antemão tudo o que possam alcançar. O conservantismo intelectual impede numerosos militantes de perceber o verdadeiro papel social e o real significado do stalinismo, que se ocultam atrás de sua aparência mistificadora.

Tudo mundo pode ver que o stalinismo não é uma revolução socialista (o Outubro russo) e de um movimento revolucionário proletário (o Komintern original), que se apoia em primeiro lugar sobre a classe operária e se encontra à frente de muitas de suas organizações, que dirige lutas irconciliáveis contra o capitalismo, que os stalinistas e os reformistas tradicionais se manifestam numa permanente hostilidade mútua.

Estes são os fatos patentes. To-

diva dá-se-lhes uma significação e um peso tais que confundem alguns dos adversários mais irredutíveis do stalinismo e lhes impedem de apreender sua verdadeira natureza, suas características essenciais do ponto de vista do proletariado e do socialismo.

## O STALINISMO É CONSIDERADO UMA ALA ESQUERDA

Em todos os países e em todos os movimentos, mesmo em meio aos mais violentos ataques polêmicos contra o stalinismo, pode-se ainda ler ou ouvir: "Mas apesar de tudo o stalinismo representa um partido, um movimento da classe operária... Apesar de tudo é a esquerda ou 'uma parte da esquerda operária'..." "Apesar de tudo o que nas opções dos stalinistas, é natural que esboçamos mais próximos deles que da direita do movimento operário". Tais reflexões contêm erros que contribuíram para mais de um desastre do movimento operário. Para desembaraçar este último do stalinismo antes que seja destruído pelo stalinismo ou por qualquer outra força reacionária, é preciso que o movimento revolucionário — e os marxistas em primeiro lugar — se libertem eles próprios de qualquer concepção errônea relativa ao stalinismo.

A questão pode sem dúvida ser abordada de modo mais aproveitável partindo-se do caráter pseudo "esquerdista" do stalinismo. O leitor dificilmente lerá um jornal inglês ou norte-americano que relate uma luta entre stalinistas e seus adversários num sindicato, sem ver os primeiros apontados como "ala esquerda". Em França, para tomar outro exemplo, seus adversários burgueses e até seus críticos mais esquentados se referem sempre aos stalinistas como "extrema esquerda". Nos dois casos, a designação é admitida muito simplesmente; é considerada como natural, evidente, acima de controvérsia, como a palavra "hidrogênio" para designar o elemento cuja massa atômica é igual a um. Se tudo o que discutimos aqui se resumisse em uma questão de terminologia, então (mesmo do ponto de vista da exatidão científica) seria de importância bem menor. A importância real ultrapassa entretanto qualquer consideração pedantesca.

## AS CARACTERÍSTICAS DE UMA ALA ESQUERDA

A base de que o movimento stalinista pode ser caracterizado como sendo "de esquerda"? Isso não deveria ser muito difícil de determinar.

A história do movimento operário está mais do que cheia de exemplos de alas direitas e esquerdas e de toda sorte de tendências intermédias. De tendências de esquerda e de extrema esquerda, em particular, houve uma variedade extraordinária: anarquistas, sindicalistas, guequistas, luxemburgistas, bolchevistas, bordiguistas, kapidistas, trotskistas... a lista poderia ser alongada quase indefinidamente.

Algumas dessas tendências eram caracterizadas como "de esquerda" em virtude de sua oposição de princípio à participação em eleições parlamentares ou à vida parlamentar em geral. Tal oposição não pode ser de forma alguma encontrada no stalinismo que participa sem resistência em todas as atividades parlamentares, não somente em seu próprio nome, mas ainda por intermédio de qualquer organização política que lhe manobre ou tente solapar.

Outras dentre aquelas tendências eram "de esquerda" porque, enquanto favoreciam uma atividade operária e socialista em direção ao parlamento eram em princípio contrárias a participar em governos de coalizão com partidos burgueses. Tampouco quanto a esse aspecto os partidos stalinistas podem ser considerados "de esquerda". Em toda parte onde não podem exercer desde logo a exclusividade do poder do Estado, trabalham permanentemente para criar — ou para explorar quando elas existem — as ocasiões de entrar nos governos de coalizão com os partidos burgueses seja como simples representantes do governo ou seja como demolidores da coalizão em seu próprio proveito, seja para fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Essa atitude prática em face do problema da coalizão governamental é, sem erro possível mais oportunista que tudo o que se pode fazer no gênero dos Millerand ou que puderam pregar os Kautsky do velho movimento socialista. Eles estão prontos a colaborar e colaboraram em governos de coalizão com os partidos da "burguesia progressista". Eles se concluem até com as facções burguesas da extrema direita conservadora. Eles não hesitam por vezes em defender governos reacionários até à medida (o que não fariam nem mesmo os velhos reformistas amadurecidos) com um cinismo desavergonhado, sempre que tal coisa se enquadra na política estrangeira de Moscou.

Ainda outras tendências de esquerda se caracterizam pela recusa em trabalhar nos sindicatos conservadores ou colaborar com eles, por uma orientação que visava organizar ou apoiar os sindicatos que adotassem em bloco um programa revolucionário. Os stalinistas não somente trabalham nos sindicatos mais conservadores como são até bem conhecidos por defender com tenacidade orientações conservadoras às vezes tão completamente antipolíticas que chegam a levantar a oposição dos líderes sindicais mais reformistas. E não somente defendem sua política em sindicatos conservadores e reformistas como ainda em organizações conservadoras e até reacionárias. Todo lugar lhes parece bom para defender a linha.

Outras tendências da linha esquerda se distinguem por sua recusa em dar preferência ou apoiar a "reivindicações imediatas", um "programa de reformas", um "programa mínimo", ou ainda por sua insistência em sublinhar o caráter ilusório do parlamentarismo e do reformismo para chegar ao socialismo. Ainda, nesse particular os stalinistas não se diferenciam. Se há alguma coisa que eles relegam ao plano secundário é o próprio programa socialista e não seu "programa mínimo". Eles nunca hesitaram em fazer suas reivindicações burgueses autênticas emanando de autênticos partidos burgueses e se conhece muito bem o sangue frio com que tantas vezes se apropriaram dos procedimentos chauvinistas e reacionários do fascismo alemão e italiano.

## O INTERNACIONALISMO DOS STALINISTAS

Sem exceção, todas as tendências de esquerda tradicionais eram bem conhecidas por seu internacionalismo que em algumas delas se manifestava até por um extremismo lamentável. Seu internacionalismo se apontava sempre às tendências naciona-

listas e pro-imperialistas de direita do movimento operário. O movimento stalinista se estende pelo mundo mas seu internacionalismo tem um sentido diferente de tudo o que foi aceito com esse nome pelo movimento operário. Em país algum ele nacional no bom sentido do termo, quer dizer deixando à luta da classe a forma nacional que faça dela o instrumento da classe proletária de um país dado. Ele é, ao contrário, nacionalista no pior sentido do termo a ponto de ser o instrumento universal da burocracia reinante na Rússia que oprime abertamente nações e povos inteiros. É internacionalista somente nesse sentido de exigir o abandono das aspirações nacionalistas legítimas de todos os povos em nome da obediência ao Estado russo (o caso da Jugoslávia não é sendo o mais espetacular dentre dúzias de outros casos.) É "internacionalista" no sentido em que era o sr. Churchill quando denunciava o nacionalismo "egoísta" e "limitado" dos índus ao reivindicarem sua independência.

## AS TENDÊNCIAS DE ESQUERDA E A DEMOCRACIA

Um certo número de outras características dos movimentos esquerdistas ou ultraesquerdistas vão à mente de quem quer que esteja familiarizado com sua história. Porém há um deles, de importância notável e decisiva, que deve ser citado aqui. Sem exceção, cada uma dessas tendências, na luta contra aquelas que se situavam à sua direita, era caracterizada pela ênfase dada à democracia oposta à burocracia, aos ditos, à atividade independente das massas. Que essa ênfase foi forçada em certos casos, é uma questão que não vai ser tratada aqui. Que a prática não correspondesse sempre à preocupação ou nem sempre confirmasse é também outra questão. A característica era sem dúvida decisiva.

A social-democracia do século XIX era uma esquerda política porque lutava pelo sufrágio universal e porque trabalhava pelo socialismo concebido como a realização da plena democracia econômica e social. Os anarquistas e sindicalistas representavam uma esquerda pela importância que davam à ação de massa dos trabalhadores, oposta às manobras burocráticas, ao legalismo dos dirigentes reformistas no Parlamento ou nas negociações com o patronato. Rosa Luxemburgo se distinguiu como representante da ala esquerda pela ênfase que punha sobre a ação espontânea das massas afim de romper o conservadorismo institucional da burocracia reformista. Os bolcheviques contrapuzaram a Assembléia Constituinte democrática ao depositismo tzarista e contrapuzaram em seguida os Soviets à Assembléia Constituinte porque os Soviets eram "cem mil vezes mais democráticos que o mais democrático dos parlamentares burgueses". A oposição trotskista foi chamada ala esquerda porque, entre outras coisas, lutava pela democracia interna contra a burocracia do partido. Outros grupos ultraesquerdistas chegaram a fazer um fetiche de sua luta contra o burocratismo no seio do movimento operário e revolucionário. Sobre essa questão tão importante, o stalinismo, que é a apoteose máxima do burocratismo não tem sequer aparência de simpatia com os correntes de esquerda que se desenvolveram no movimento operário.

O stalinismo não se assemelha sob nenhum aspecto às tendências operá-

rias de esquerda. Não se pode identificá-lo por nenhum dos critérios que poderiam caracterizá-lo como sendo de esquerda. Quem quer que insista em acreditar que o stalinismo nessa categoria demonstra simplesmente ter deixado de pensar desde muito tempo.

Querá dizer tudo o que precede que não há critério para caracterizar o stalinismo a não ser o que se encontra na imprensa burguesa e nos livros dos políticos burgueses? O leitor deve se lembrar que no começo desse artigo salientamos a necessidade de apreender a natureza real do stalinismo do ponto de vista do proletariado e do socialismo. Dêsse ponto de vista, o stalinismo não pode de modo algum ser considerado como a ala esquerda da classe operária. Será ele então uma tendência de direita? Na nossa opinião, a resposta deverá ser igual e categoricamente negativa.

Há o maior proveito em abordar esse aspecto do problema de outro ponto de vista da burguesia e do capitalismo. E desse último ponto de vista, o stalinismo é não somente uma ala esquerda como até a ala esquerda por excelência. É o "bolchevismo", é a "revolução socialista", é o "socialismo". O instinto de classe é preciso para o proletariado mas uma clara consciência de classe lhe é indispensável para o vitória e a tomada do poder. A consciência de classe é precisa mas não é indispensável à burguesia; seu instinto de classe lhe é suficiente para governar. Este instinto tem uma poderosa e estimulante base material — a propriedade privada dos meios de produção e de troca, a propriedade privada capitalista. A burguesia reconhece como seus, como seus aliados e vassalos leais, todos os que lhe auxiliem a conservar a propriedade privada e por aí seu predomínio social. A burguesia pode obter e tem obtido, em numerosos países, os serviços dos stalinistas. Pode — e já tem podido — obter que partidos stalinistas defendam sua propriedade e seu regime contra os perigos que para ela representa a classe operária. Foi isso que conduziu alguns observadores superficiais a concluir que o stalinismo não era no fundo nada mais do que uma nova variedade daquela social-democracia reformista que se prestou tantas vezes, até mesmo de armas na mão, a defender a dominação capitalista contra os assaltos revolucionários do proletariado.

## "PARA ALUGAR MAS NÃO PARA VENDER"

Agora, todavia, mesmo o burguês mais limitado sabe que tal coisa não é exata. De há muito que o revolucionário, especialmente aqueles que se consideram marxistas revisem seus julgamentos falsos ou superficiais. O instinto de classe, além da experiência, ensinou a todos burgueses que o apoio dos partidos stalinistas pode ser conseguido mas não pode nunca ser comprado completamente. Os partidos stalinistas dos países capitalistas são para alugar mas não para vender.

Assim, enquanto um dado país capitalista é aliado da Rússia, os stalinistas se alugam a tal regime para servi-lo. São então superpatriotas. Rivalizam em chauvinismo e nacionalismo com os partidos burgueses. Alcançam e ultrapassam os dirigentes sindicais mais amarelos nos instâncias, junto aos trabalhadores, para que estes aceitem docilmente as condições de trabalho e salários mais desfavoráveis. Em geral, os stalinis-

(Continúa na 5.a pag.)

# Explorados os Trabalhadores de Piquete

A fábrica "Presidente Vargas", sob contrôlo do Exército, não cumpre as leis em vigor. — Urge uma ação organizada em benefício dos trabalhadores daquela localidade paulista.

N. R. — Companheiros de São José dos Campos que estiverem em visita a Piquete informem sobre a situação daquela localidade, que é inteiramente dominada pela fábrica "Presidente Vargas", estabelecimento industrial sob contrôlo do Exército. Reina descontentamento entre os trabalhadores da referida fábrica, em virtude da exploração a que estão submetidos, por parte do "Armazem Reembolsável", que fornece gêneros aos empregados da fábrica. O armazém é explorado por concessionários que vêm cobrando preços elevados, frequentemente maiores que os do comércio local. Isso apesar de estarem os concessionários isentos de impostos, o que lhes permitiria proporcionar vantagens aos empregados da fábrica, se agissem honestamente. Os empregados, ainda, recebem salários em vales para serem resgatados em mercadorias no "Armazem Reembolsável", o que os obriga a se sujeitarem aos preços impostos pelos concessionários do armazém. Essa situação vem provocando, também, descontentamento no pequeno comércio de Piquete, que se vê prejudicado com os privilégios concedidos aos concessionários. Sobre essas irregularidades versa o artigo que nos foi endereçado e que a seguir reproduzimos.

Piquete, 22 (Do correspondente) — A campanha levantada e até aqui brilhantemente mantida pelo comércio legalmente estabelecido de Piquete, pleiteando a extinção imediata e total dos departamen-

tos mercantis, mantidos, clandestinamente, em ramos da Fábrica Presidente Vargas, do Exército Nacional, tem que obedecer às mesmas diretrizes de todo o movimento popular, isto é, precisa ir mudando de frente, ocupando novas posições à medida que se desenvolve, à proporção em que prossegue, porque os opositores gratuitos, os interessados e principalmente os "bem" intencionados advogados sem proporção (!), não se sentindo amparados pelos princípios elementares da mais comensinha Justiça, lançam constantemente mão de "recursos" e "providências" que, em seu entender, em seus cérebros estreitos e servís, resultarão capazes de arrefecer ou mesmo sustar os trabalhos, a marcha dos acontecimentos em prol das reivindicações colimadas.

Enganam-se, porém. Até aqui não tiveram na frente idealistas sinceros da estirpe daqueles que vêm emprestando desinteressada colaboração à campanha de moralização da vida pú-

blica e privada de Piquete. Em "Revelando Piquete ao Brasil", o diário de Taubaté, "A Voz do Vale do Paraíba", veio até há bem

(Continua na 4.ª pag.)



## LIBERTAR OS SINDICATOS da escravização em que se encontram é a tarefa da democracia brasileira

A Comissão Nacional do Partido Socialista, a propósito da passagem da data de 1.º de maio, publicou e fez distribuir entre os trabalhadores de todo o Brasil, o seguinte comunicado:

"Na grande data universal de 1.º de Maio, o Partido Socialista Brasileiro vem trazer aos trabalhadores do nosso País a segurança do seu apoio na luta pela implantação de um regime socialista democrático.

Fiel ao seu lema de Socialismo e Liberdade, tem o Partido Socialista Brasileiro, nos quatro anos de sua existência, desenvolvido luta tenaz pela vitória das reivindicações proletárias, entre as quais se destacam a libertação dos sindicatos, a lei sobre o exercício do direito de greve, a anistia aos grevistas, a concessão de licença-premio de seis meses de dez em dez anos de serviço aos empregados de qualquer categoria de empresas concessionárias de serviços públicos.

Libertar os sindicatos da escravização em que se encontram constitui uma das tarefas mais urgentes da democracia brasileira. Para esse fim, ao presidente do Partido Socialista coube redigir e relatar a lei geral sobre os sindicatos. Esta lei reconstituiu aos sindicatos o direito assegurado pela Constituição de serem livres, elegendo suas diretorias, sem dependência alguma das autoridades e sem a exigência policial de atestados de ideologia. A lei encontra-se atualmente no Senado, já tendo sido aprovada pela Câmara.

Sabendo que não pode haver democracia com sindicatos escravizados, e prevenido demora na aprovação da lei geral sindical a bancada socialista acaba de renovar, este ano, um projeto de lei de emergência para a realização imediata de eleições nos sindicatos, projeto ora em regime de urgência no Congresso.

Em face do obstinado ataque do Partido Socialista Brasileiro ao regime de escravização sindical, começou o ministro do Trabalho a mover-se, embora a contra-gosto, no sentido de tomar providências para a realização dos pleitos sindicais. Sob a pressão da opinião do povo trabalhador, que o Partido Socialista Brasileiro tem sabido levar ao seio do Congresso Nacional, não pôde mais o Ministério do Trabalho fazer-se de surdo ao clamor contra o regime burocrático e policial de intervenção em que colocou os sindicatos.

Mas, no fundo, o Ministério, informante do governo, não tem interesse nas eleições sindicais. Ainda procura adiar-las sob os mais variados pretextos. É indispensável que o povo trabalhador se una na reivindicação máxima do momento da democracia brasileira: Pelo sindicato livre! Pela realização imediata de eleições sindicais!

Para desmontar e desmascarar a máquina burocrática, que tomou conta dos sindicatos, o Partido Socialista Brasileiro, pela sua bancada na Câmara Federal, apresentou um projeto mandando extinguir a "Comissão de Orientação Sindical", que dispõe de, pelo menos, 5 milhões de cruzeiros por ano, para gastar sem prestar contas a ninguém, dinheiro esse retirado do Fundo Sindical e, portanto, pertencente aos trabalhadores. Tem insistido com sucessivos requerimentos de informações, até agora deixados sem resposta, sobre o destino do imposto sindical e sobre o chamado "Serviço de Recreação Operária", perguntando, notadamente, qual o montante desse imposto entre 1946 e 1949; quais as despesas de folhas de pessoal da "Comissão do Imposto Sindical"; as despesas, discriminadamente, das pessoas que funcionam

(Continua na 3.ª pag.)

## O 2.º Congresso de Estudantes consolidou a unidade da UEE de São Paulo

Vem de realizar-se, na Capital do Estado, o 2.º Congresso de Estudantes da União Estadual dos Estudantes, de São Paulo, organismo que congrega todos os estudantes do curso superior do Estado. Reunido durante mais de uma semana, em sessões que se prolongavam para além da meia-noite, o Congresso foi, antes de mais nada, uma demonstração do entusiasmo que a juventude deposita na sua capacidade organizatória para levar avante a resolução de seus problemas.

O aspecto fundamental do Congresso, foi o alto nível em que se travaram os seus debates. Ao contrário do que costuma acontecer em conclave desse gênero, onde as discussões de matéria alheia aos interesses da classe são relegadas a um segundo plano, preteridas por assuntos de natureza político-partidária ou de caráter personalista, o 2.º Congresso manteve-se estritamente dentro de uma rígida linha de conduta universitária,

discutindo em primeiro lugar aqueles problemas que interessam mais de perto aos estudantes.

Entre as teses e proposições votadas no sentido de democratizar e moralizar o ensino, merecem especial destaque as que se referem à participação de alunos nos Conselhos Técnicos Administrativos das diversas Faculdades, e a solicitação endereçada ao Conselho Nacional de Educação, no sentido de regularizar o sistema de transferências.

Entre as moções de caráter político, cabe-nos destacar a que demonstrou o vivo repúdio, unanimemente expresso na votação, de toda a classe estudantil contra a lei de segurança e quaisquer outras leis de exceção.

O 2.º Congresso dos Estudantes da UEE marcou, realmente, um passo na vida daquela entidade dos estudantes paulistas, consolidando ao mesmo tempo sua organização.

O. S. F.

## Marcadas as eleições sindicais

Cedendo à constante pressão feita pelos trabalhadores e pelo Partido Socialista, o ministro da Indústria e do Comércio marcou as eleições sindicais para o dia 12 de junho. Somente que, pela portaria ministerial, elas se realizarão por zonas, devendo estar concluídas, se o forem, no fim do ano, apenas. Dos sindicatos paulistas incluídos na 1.ª lista, apenas consta o dos Empregados do Comércio.

Tudo leva a crer que, como o atestado de ideologia é uma condição essencial para alguém poder candidatar-se, poucos serão os elementos realmente independentes que consigam se eleger. E que, se os resultados forem muito desfavoráveis ao ministério, é bem possível que ele suspenda as eleições.

O importante é que cada sindicalizado conscientemente procure tomar parte nas eleições, já se apresentando como candidato, já estando presente no momento das eleições propriamente ditas.

Os sindicatos precisam sair das mãos dos pelegos.